

Piotr Anderszewski



02 dez 2018

Ciclo de Piano

02 DEZEMBRO
DOMINGO

18:00 — Grande Auditório

Piotr Anderszewski Piano

Johann Sebastian Bach

O Cravo Bem Temperado, Livro II (seleção)

Prelúdio e Fuga em Dó maior, BWV 870
Prelúdio e Fuga em Lá bemol maior, BWV 886
Prelúdio e Fuga em Ré sustenido menor, BWV 877
Prelúdio e Fuga em Si maior, BWV 892
Prelúdio e Fuga em Mi bemol maior, BWV 876
Prelúdio e Fuga em Sol sustenido menor, BWV 887

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Variações Diabelli, op. 120

Tema: *Vivace*
Var. 1: *Alla marcia maestoso*
Var. 2: *Poco allegro*
Var. 3: *L'istesso tempo*
Var. 4: *Un poco più vivace*
Var. 5: *Allegro vivace*
Var. 6: *Allegro ma non troppo e serioso*
Var. 7: *Un poco più allegro*
Var. 8: *Poco vivace*

Var. 9: *Allegro pesante e risoluto*
Var. 10: *Presto*
Var. 11: *Allegretto*
Var. 12: *Un poco più moto*
Var. 13: *Vivace*
Var. 14: *Grave e maestoso*
Var. 15: *Presto scherzando*
Var. 16: *Allegro*
Var. 17:
Var. 18: *Poco moderato*
Var. 19: *Presto*
Var. 20: *Andante*
Var. 21: *Allegro con brio – Meno allegro*
Var. 22: *Allegro molto*
Var. 23: *Allegro assai*
Var. 24: *Fughetta. Andante*
Var. 25: *Allegro*
Var. 26:
Var. 27: *Vivace*
Var. 28: *Allegro*
Var. 29: *Adagio ma non troppo*
Var. 30: *Andante, sempre cantabile*
Var. 31: *Largo, molto espressivo*
Var. 32: *Fuga. Allegro – Poco adagio*
Var. 33: *Tempo di Menuetto moderato*

Johann Sebastian Bach

Eisenach, 21 de março de 1685
Leipzig, 28 de julho de 1750

O Cravo Bem Temperado, Livro II (seleção)

COMPOSIÇÃO: 1740-1744

DURAÇÃO: c. 20 min.

Verdadeira pedra-de-toque da produção para tecla de Johann Sebastian Bach, o segundo livro de *O Cravo Bem Temperado* teve origem entre os anos de 1740 e 1744, sucedendo a composição do primeiro livro em cerca de duas décadas. Investido das funções de *Kantor* e diretor musical da Igreja de São Tomé de Leipzig, Bach teve oportunidade de finalizar a recolha, ao que tudo indica a partir da compilação de prelúdios e fugas compostos anteriormente, por forma a obter, tal como no primeiro livro, uma abordagem sistemática às vinte e quatro tonalidades facultadas pelos temperamentos coevos dos instrumentos de tecla. Não se conhece autógrafo completo deste segundo caderno, mas somente um manuscrito compósito que reúne cópias da mão de Bach e outras anotadas pela sua segunda esposa, Anna Magdalena. Ao contrário do primeiro livro, esta fonte não apresenta qualquer título e somente uma das revisões bastante posteriores do manuscrito, feita pelo genro do *Kantor* e também compositor, Johann Christoph Altnickol (1720-1759), possui folha de rosto com disposição de conteúdos semelhante à do primeiro livro: “O Teclado Bem Temperado, Segunda Parte, consistindo em Prelúdios e Fugas que fazem uso de todos os tons e meios-tons, compostos por Johann Sebastian Bach”. É por via do piano moderno, legatário dos antigos instrumentos de tecla que conviviam entre si no tempo de Bach, evocados, de resto, no título originário mas impreciso da obra,

que Piotr Anderszewski nos oferece esta tarde uma seleção de Prelúdios e Fugas provindos do segundo livro, começando pelo majestoso **Prelúdio e Fuga em Dó maior**, BWV 870, caracterizado pela textura contínua de semicolcheias, no âmbito da qual interagem as duas partes intervenientes, muito ao estilo da tocata barroca. O tema da fuga subsequente, subtilmente ornamentado, reveste-se de perfil interrogativo, abrindo, deste modo, o campo tonal a toda uma série de enunciados contrapontísticos a três partes, os quais procuram responder às “questões” levantadas. O **Prelúdio e Fuga em Lá bemol maior**, BWV 886, reveste-se de grande homogeneidade rítmica e melódica, a partir do acorde perfeito de base, mas progredindo, paulatinamente, através de sucessivos patamares tonais, até infletir numa região menor mais sombria. O tema principal volta a emergir, conduzindo o Prelúdio à cadência perfeita conclusiva. Na região intermédia do piano surge o tema da Fuga, gracioso e sereno, apoiado na sucessão ponderada de colcheias e semicolcheias. O mesmo é transmitido à parte mais aguda, descendendo depois para os registos mais graves do instrumento. No **Prelúdio e Fuga em Ré sustenido menor**, BWV 877, impõe-se uma atmosfera mais introspectiva, baseada numa tonalidade de uso muito raro na música barroca. Um motivo rítmico de semicolcheias evolui sobre simples notas de apoio harmónico na mão esquerda,



IGREJA DE SÃO TOMÉ, EM LEIPZIG © DR

à imagem de uma invenção a duas vozes. A Fuga contraria o estilo *perpetuum mobile* do Prelúdio, expondo um tema grave, pausado, assimilado aos poucos pelas restantes três partes, sem nunca perder a sua essência reflexiva e mesmo sombria, nalgumas passagens. No **Prelúdio e Fuga em Si maior**, BWV 892, Bach volta a evocar um dos géneros mais característicos do Barroco inicial: a tocata para tecla. É a apetência do músico pelo universo da improvisação que ora emerge em primeiro plano, indissociável, de resto, da sua vasta experiência como organista e improvisador. É também o órgão que parece inspirar a Fuga seguinte, com o tema principal construído sobre valores mais longos, especialmente adaptados ao idioma daquele instrumento. Contrapondo-se ao tema principal, emerge um contratema sincopado que assegura a progressão do discurso musical. A Fuga incorpora ainda um segundo tema, o qual vem a anunciar novo patamar de diversificação melódica e harmónica. Os dois temas da Fuga são, por fim combinados entre si,

num crescendo de intensidade expressiva, rumo à decidida cadência perfeita final. Especialmente conotado com o idioma característico do alaúde, instrumento ao qual Bach reservou também uma produção considerável de suites solistas, o **Prelúdio e Fuga em Mi bemol maior**, BWV 876, desenvolve-se a partir de uma linha modulante de harpejos que simulam o *stile brisé* da escola francesa. Na Fuga, o músico cultiva uma polifonia intensa de tipo coral, a partir de um tema de partida com contornos solenes e majestosos, remanescente da música vocal sacra. No término da presente seleção encontra-se o **Prelúdio e Fuga em Sol sustenido menor**, BWV 887, obra que se singulariza pela presença de duas inscrições raríssimas na *praxis* compositiva de Bach – *piano* e *forte* – as quais podem apontar para hipotética interpretação original em pianoforte, instrumento que, à época, já era fabricado por construtores como Gottfried Silbermann. A longa Fuga, a três partes, introduz o tema principal em *legato* contínuo de colcheias, opção que prenuncia um dos expedientes favoritos do classicismo.

Ludwig van Beethoven

Variações Diabelli, op. 120

COMPOSIÇÃO: 1819-1823

DURAÇÃO: c. 55 min.

Concluídas em 1823, após quatro anos de trabalho intensivo, as *Variações Diabelli*, op. 120, constituem a última grande obra para piano solo de Ludwig van Beethoven, surgida no seguimento de um desafio lançado pelo compositor e editor austríaco Anton Diabelli (1781-1858). Este último tinha inaugurado a firma Cappi & Diabelli em Viena, no ano de 1818, em associação com o editor de música italiano Pietro Cappi, pelo que, para assinalar o acontecimento, tomou a iniciativa de lançar um repto criativo a cinquenta e um reputados compositores que exerciam a sua atividade dentro das fronteiras do Império austro-húngaro. Deste grupo faziam parte, além do próprio Beethoven, Carl Czerny (1791-1857), Johann Nepomuk Hummel (1778-1837), Franz Schubert (1797-1828) e o então pré-adolescente Franz Liszt (1811-1886). No seguimento da iniciativa, cada músico foi convidado a engendrar uma série de variações sobre uma valsa para piano da autoria do próprio Diabelli, previamente facultada.

Tomando o primeiro contacto com o material de partida e muito ao seu estilo, afoito e “sem papas na língua”, Beethoven considerou-o “obra de sapateiro”, em parte decalcado da sua própria Sinfonia n.º 8. Não obstante, empenhou-se no trabalho e deixou-se envolver pela vaga de entusiasmo gerada entre os demais participantes; tratava-se, afinal, de mostrar real capacidade criativa ante um conjunto estático de acordes, sem parte temática condutora.

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770
Viena, 26 de março de 1827

Apesar de ter conhecido várias interrupções, motivadas por outros projetos, entre os quais a Sinfonia n.º 9 e a *Missa Solemnis*, o projeto chegou a bom porto, sob a forma de um conjunto massivo de trinta e três variações. Sinónimo de engenho técnico, mas também de charme e humor, transcendeu claramente o âmbito da proposta académica de Diabelli, para se situar ao nível de legado testamentário e, ao mesmo tempo, de homenagem implícita a outros ciclos grandiosos de variações como, por exemplo, as *Variações Goldberg* de Johann Sebastian Bach. A publicação das *Variações Diabelli* ocorreu em junho de 1823, juntamente com os contributos oferecidos pelos restantes participantes no desafio criativo. O músico dedicou a obra à aristocrata vienense Antonia von Brentano, a presumível “amada imortal” a quem Beethoven se declarou em carta datada de julho de 1812.



NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

Piotr Anderszewski

Piano



PIOTR ANDERSZEWSKI © ARTS MANAGEMENT GROUP

Piotr Anderszewski estudou na Academia Chopin de Varsóvia e nos Conservatórios de Estrasburgo e de Lyon. Apresenta-se com regularidade em recital, em prestigiadas salas como o Konzerthaus de Viena, a Philharmonie de Berlim, o Wigmore Hall de Londres, o Carnegie Hall de Nova Iorque, o Théâtre des Champs-Élysées de Paris ou o Concertgebouw de Amesterdão. Como solista de concerto, colaborou com muitas das principais orquestras mundiais, apresentando-se também com frequência na dupla função de solista e diretor de orquestra, nomeadamente com a Orquestra de Câmara Escocesa, a Orquestra de Câmara da Europa e a Camerata Salzburg. Em residência na Gulbenkian Música 18/19, Piotr Anderszewski atua pela segunda vez na presente temporada, estando prevista uma terceira visita em fevereiro de 2019, com a Orquestra Gulbenkian, na dupla função de solista e maestro. Outros compromissos incluem colaborações com a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica de Londres, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig e a Sinfónica Yomiuri Nippon. Para além da Fundação Gulbenkian, os seus recitais na Europa incluem a Philharmonie

de Berlim, o Festival de Música de Lucerna, o Konzerthaus de Viena e a Herkulesaal de Munique. Realizará também uma digressão nos Estados Unidos da América e uma digressão europeia com o Quarteto Belcea. Destacado pela intensidade e originalidade das suas interpretações, Anderszewski recebeu várias distinções, incluindo o Prémio Gilmore, o Prémio Szymanowski e o prémio da Royal Philharmonic Society. As suas gravações para a Warner Classic/Erato receberam também vários prémios, incluindo o Prémio Gramophone, o *ECHO Classic*, “Disco do Ano” da *BBC Music Magazine*, além de nomeações para os *Grammy*. Piotr Anderszewski é a figura central em dois documentários de Bruno Monsiegeon: em *Piotr Anderszewski plays the Diabelli Variations* (2001) o pianista apresenta a sua relação particular com as *Variações Diabelli* de Beethoven; *Unquiet Traveller* (2008) é um invulgar retrato de Anderszewski, capturando as reflexões do pianista sobre a música, a interpretação e as suas raízes polacas e húngaras. Em 2016 o próprio Anderszewski ocupou o lugar atrás da câmara para explorar a sua relação com Varsóvia, num filme intitulado *Je m'appelle Varsovie*.

FESTA DOS LIVROS GULBENKIAN

PUBLICAÇÕES
E ARTIGOS EXCLUSIVOS
A PREÇOS FESTIVOS

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

29 NOV
23 DEZ
2018

TODOS OS DIAS
10:00 — 19:00

GULBENKIAN.PT

*Juntos na paixão
pela cultura*

pwc

Acreditamos no impacto que a cultura tem, pois ela é essencial no desenvolvimento de uma sociedade. Um dos desafios da PwC Portugal passa por acrescentar valor aos nossos clientes através de um serviço de qualidade nas áreas de auditoria, assessoria de gestão, fiscalidade e formação de executivos.



Conheça-nos melhor em www.pwc.pt



158
países



236.235
colaboradores



736
escritórios

Siga-nos     

© 2018 PricewaterhouseCoopers & Associados - Sociedade de Revisores Oficiais de Contas, Lda. Todos os direitos reservados. PwC refere-se à PwC Portugal, constituída por várias entidades legais, ou à rede PwC. Cada firma membro é uma entidade legal autónoma e independente. Para mais informações consulte www.pwc.com/structure.

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.
A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson
DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
500 exemplares
PREÇO
2€

Lisboa, Dezembro 2018

